

LITERATURA E HISTÓRIA NO ROMANCE *A ÚLTIMA TRAGÉDIA*, DE ABDULAI SILA

LITERATURA I HISTORIA NA ROMANCI *A ÚLTIMA TRAGÉDIA* DI ABDULAI SILA

LITERATURE AND HISTORY IN THE NOVEL *THE ULTIMATE TRAGEDY*, BY
ABDULAI SILA

Nado da Cunha¹
Carlos Eduardo Bezerra²

Resumo: Este artigo busca explorar a relação entre literatura e história no romance *A última tragédia* de Abdulai Sila. O objetivo geral da pesquisa foi investigar a relação entre literatura e história na literatura guineense de língua portuguesa, tomando como fonte o romance *A Última Tragédia*, de Abdulai Sila. A pesquisa teve como objetivos específicos: Refletir sobre a literatura e a história do povo guineense, a partir do romance em causa, no período Colonial e Conhecer as formas de representação do período citado, através dos recursos e elementos do romance, como personagens, religiosidade, relações de poder e espaço, que marcaram e marcam a sociedade guineense. Os principais resultados encontrados, partem do aporte de obras de Augel (2007), Alves (2020), Freira (2023), Fanon (1968) entre outros. Ao apresentar esses pontos-chave, espera-se despertar o interesse do leitor em prosseguir na leitura do trabalho completo, aprofundando-se nas diferentes seções e ampliando a compreensão sobre a relação entre literatura e história no romance em foco.

Palavras-chave: Literatura; História; *A última tragédia*.

Rusumu: Es artigo busca splora relason ku isisti entri literatura i historia na romanci *A Última Tragédia* di Abdulai Sila. Objetivu geral di pisquisa sedu investiga relason entri literatura e historia na literatura guinensi di lingu purtuguais, nô toma suma fonti romanci *A Última Tragédia*, di Abdulai Sila. Pisquisa tene suma objetivus specificus: Pensa sobri literatura i historia di povu guinensi, a partir des romanci, na mumentu di colonizason i Kungsi formas di representason de mumentu citadu, atraves des recursus i elimentus di romanci, suma personagens, religiosidadi, relason de puder i spasu, ku marca ba i marca sociedadadi guinensi. Principais resultadus ku incontradu, parti di obras di Augel (2007), Alves (2020), Freira (2023), Fanon (1968) ku utrus. Ku apresentason des pontus principal, nô na pera disperta n'teresi di leitor e pa i continua na leitura di trabalhu completu i pa i aprufunda na diferentis sesons i aumenta kunhicimentu sobri relason ku isisti entri literatura e historia na romanci ku analisadu.

Palabra-chavi: Literatura; Historia, *A última tragédia*.

¹ Graduando do Curso de Letras/Língua portuguesa (Unilab/ILL).E-mail: nadodacunha20@gmail.com

² Orientador. Curso de Letras/Língua portuguesa (Unilab/ILL).E-mail: cadubezerra@unilab.edu.br

Abstract: This article seeks to explore the relationship between literature and history in the novel *The Ultimate Tragedy* by Abdulai Sila. The general aim of the research was to investigate the relationship between literature and history in Guinean Portuguese-language literature, taking Abdulai Sila's novel *The Ultimate Tragedy* as a source. The research had the following specific objectives: To reflect on the literature and history of the Guinean people, based on the novel in question, in the Colonial period and To get to know the forms of representation of the period mentioned, through the resources and elements of the novel, such as characters, religiosity, power relations and space, which marked and still mark Guinean society. The main research are based on the works of Augel (2007), Alves (2020), Freira (2023), Fanon (1968) and others. By presenting these key points, it is hoped to arouse the reader's interest in continuing to read the entire work, delving deeper into the different sections and broadening their understanding of the relationship between literature and history in the novel in question.

Key word: Literature; History; *The Ultimate Tragedy*.

INTRODUÇÃO

A literatura e a história, apesar de diferentes em seus pactos com a realidade, pois a primeira trata do que poderia ter acontecido e a segunda do que aconteceu, o que sabemos desde Aristóteles e a sua *Poética* (2005), construíram relações intrínsecas, que podem se manifestar, diferentemente, em vários povos, culturas, sociedades, espaços e tempos. Sendo assim, neste artigo apresentamos os resultados de uma pesquisa do tipo bibliográfica e qualitativa (Severino, 2007), (Gil, 2008), (Damasceno *et al*, 2016), desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Letras/Língua portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), em Redenção, no Ceará.

O objetivo geral da pesquisa foi investigar a relação entre literatura e história na literatura guineense de língua portuguesa, tomando como fonte o romance *A Última Tragédia*, de Abdulai Sila. Compreendemos que, no romance de Sila, esta relação não se encontra na representação (Santos, 2011) de um fato histórico específico, como habitualmente podemos encontrar em outras literaturas de língua portuguesa, mas na representação das relações sociais e nos papéis dos sujeitos sociais durante o período colonial. Desse modo, em *A Última tragédia*, há na relação entre literatura e história uma “filigrana” que é importante observar e pesquisar. A pesquisa teve como objetivos específicos: A. Refletir sobre a literatura e a história do povo guineense, a partir do romance em causa, no período Colonial. B. Conhecer as formas de representação do período citado, através dos recursos e elementos do romance, como personagens e espaço, além de outros relacionados ao contexto histórico, que marcaram (e

marcam) a sociedade guineense. Quanto à metodologia, a pesquisa foi apoiada nos métodos próprios da pesquisa bibliográfica, quanto aos procedimentos técnicos uma vez que a sua fonte principal já está elaborada e não pode sofrer modificações, o que a distingue da pesquisa documental (Gil, 2008), e qualitativa, sendo esta um “campo transdisciplinar, com seus multiparadigmas de análise e multimétodos de investigação (Damasceno *et al*, 2017, p. 9).

Sobre o romance, sabemos que a primeira edição ocorreu em 1995 e compõe uma trilogia com *Eterna paixão* e *Mistida*, estes de 1994 e de 1997, respectivamente. No site da editora guineense Ku Si Mon³, lemos que *A última tragédia* se encontra atualmente na terceira edição na Guiné-Bissau, sendo também o romance mais lido do país, fato este que, por si, não bastassem os temas e suas relações com o período colonial, justificou a pesquisa realizada. No contexto brasileiro de publicação e recepção do romance em tela, segundo Rodrigues Sobrinho (2012, p. 213), onde pouco se tinha e talvez ainda se tenha conhecimento da literatura guineense em língua portuguesa, “*A última tragédia* foi o primeiro romance guineense publicado”. Porém, Domingas Barbosa Mendes Samy já havia publicado, *A Escola*, um volume com três contos no ano de 1993 sendo, portanto, a primeira obra da literatura de ficção escrita na Guiné-Bissau (Silva, 2022). No Brasil, a publicação de *A Última Tragédia* se deu pela editora Pallas e atualmente se encontra ainda na primeira edição. Ressaltamos o caráter comprometido da Pallas, que, fundada no Rio de Janeiro em 1975, reconheceu o “precário registro dos saberes africanos na diáspora e de sua importância como uma das matrizes fundadoras da nossa nacionalidade.”⁴ A Pallas, pioneiramente, publica autoras e autores, negras e negros, internacionais e nacionais, de países africanos de língua portuguesa no Brasil.

Sobre Abdulai Sila, sabemos que nasceu na cidade de Catió, um setor da região administrativa de Tombali, junto com Bedanda, Cacine, Quebo e Como, no dia 1º. de abril de 1950. Sila formou-se em Engenharia Eletrotécnica na cidade alemã de Dresden onde viveu entre 1979 e 1985. É o primeiro romancista da Guiné-Bissau. Na trilogia da qual faz parte, *A última tragédia* é o segundo romance publicado. Sila é um dos intelectuais e principais escritores da literatura guineense. Ele participou do grupo responsável pela fundação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), criado através do decreto nº 31/84, em 10 de dezembro de 1984, reconhecido internacionalmente (Augel, 2007, p. 7). É empresário e cofundador da Empresa Eguitel Comunicações, uma das empresas primordiais no fornecimento e acesso à internet no seu país, além de um dos sócios da editora Ku Si Mon, já citada.

³ Disponível em: <https://www.kusimon.com> Acessado em: 21.04.2023.

⁴ Disponível em: https://www.pallaseditora.com.br/pagina/a_editora/2/ Acessado em: 21.04.2023.

Na nossa leitura, percebemos que o romance *A última tragédia* tem uma forte ligação com a história guineense já que representa a situação vivenciada nos momentos da colonização, Provavelmente o recorte temporal da narrativa vai de 1958 a 1968, devido a alguns elementos citados no texto. São eles: a cobrança de impostos, a emissão da rádio, o jornal O Arauto, cuja circulação se encerrou em 1968, como os guineenses lutaram para a independência, conquistada em 1973, e a afirmação da identidade nacional perante a opressão dos colonizadores. Abdulai Sila utilizou a literatura como uma forma talvez mais legítima para trazer ao mundo uma face da Guiné lutadora. Durante este processo, houve um grande desafio relativamente à forte estratégia dos colonizadores para aculturação do povo da Guiné-Bissau, isto é compreendido através, por exemplo, das personagens no romance. De um lado, temos a patroa, que representa a sociedade portuguesa na época e a ideologia colonizadora e, do outro lado, temos Ndani e outros personagens que representam a sociedade guineense, que se encontrava em situação precária e de submissão à sociedade e à administração portuguesas.

O enredo do romance conta a história de Ndani, a empregada, que é guineense. Ela teve que sair da sua região natal, Biombo, para ir a Bissau em busca de tranquilidade e, consequentemente, de trabalho para libertar-se de seu estigma, já que não era vista com bons olhos pela família e pelos vizinhos, porque era, segundo Djambakus: “Portadora de um mau espírito, da alma de um defunto mau, e lhe vaticinara consequentemente uma existência turbulenta, uma vida de desgraça, de tragédia até o fim...” (Sila, p. 27). A narrativa ocorre em outras localidades como Quinhamel e Catió, que foram sendo incluídas e citadas ao longo do enredo, produzindo desse modo referências ao país e suas regiões e cidades, não somente à capital, mas ao interior e as tabancas, o que acaba também por divulgar a geografia e demais informações sobre a Guiné-Bissau para leitores e leitoras de dentro e de fora do país onde o livro seja editado e traduzido.

Estas referências dão ao romance um certo tom de verossimilhança, o que acaba também por aproximá-lo da história. Segundo Antonio Candido (2000, p. 26), “como não há literatura sem fuga do real e tentativas de transcendê-lo pela imaginação”, vale ressaltar que se a literatura estabelece laços com a realidade é a partir de “efeitos do real”, para citar aqui o conceito de Roland Barthes (1968/1971). Foi, portanto, entre laços e efeitos que o autor tratou de temas que fundem literatura e história como a condição da mulher guineense através das personagens femininas do romance, a religiosidade através dos djambakus, as relações entre nacionais e estrangeiros, especialmente entre guineenses e portugueses, as referências aos espaços nacionais, entre outros temas que nos ocuparam na pesquisa.

Para contemplar parte dos objetivos específicos da pesquisa, focamos nas duas personagens já citadas: Ndani e a patroa portuguesa. Esta era a mulher que Ndani encontrou quando chegou à cidade de Bissau. Neste ponto, quisemos entender a relação que se estabelecia entre os dominadores e dominados, a patroa e a empregada, a portuguesa e a guineense, ambas mulheres, porém elas o eram em diferentes lugares na hierarquia da colonização. Para entender a relação entre a literatura e história, trazemos também outros elementos culturais como, mais especificamente, a questão da religiosidade e do espaço, como se estabelecia a relação entre a Ndani e Djambakus, já citados, pois de igual modo como a literatura e história se relacionam entre si, também acontece com a história e a cultura de um povo. Ressaltamos também que *A última Tragédia* explicita, através da linguagem literária ficcional, como foi o processo da construção identitária e da resistência do povo guineense no percurso da colonização, suas crenças, suas “descrenças”.

De acordo com Alves (2018), *A última tragédia* revela-se como a representatividade de uma voz complexa e atual da sociedade guineense. Trata-se da construção de uma reflexão da afirmação da identidade nacional. Neste caso, a literatura serve para o autor revelar, através da representação (Santos, 2011), como este processo de afirmação e consolidação da identidade nacional dos guineenses foi feito durante o processo da colonização e pós-colonização. Ainda segundo Alves (2018), *A última tragédia* parece resgatar o passado vivenciado no presente em resposta às adversidades que o país está enfrentando.

Esta explanação se encaixa com o fato de que a literatura pode ser também uma forma de representar a realidade e a história embora não de uma forma estritamente exata. Apesar deste romance ser uma obra de ficção e, portanto, visto como parte de ofício da literatura e do escritor que, segundo Aristóteles, o pacto é com a imaginação, Sila consegue articular história e ficção no período colonial. Isso nos leva a pressupor que, por mais que uma obra possa ser ficcional, não deixa de representar, em algum momento, os encaixes da realidade social e vivencial de um povo, pois, de algum modo, ela está ligada ao seu contexto, seja o da narrativa seja o do tempo de sua publicação. Em outras palavras: a literatura se intervê na realidade tanto no âmbito historiográfico como no sociológico. A literatura de uma nação pode ser uma das formas de levar a mais alto nível a reflexão da história e cultura deste povo e, assim, podendo construir a identidade do mesmo. Esse fato é nítido nos textos de Abdulai Sila, aliás, nos textos dos escritores africanos em geral, especialmente aqueles que passaram pelo combate à empresa exploratória e expropriatória colonial (Mazrui *et al*, 2010).

Remetendo a uma experiência histórica, *A última tragédia* ajuda a revelar como ocorreu o processo da dominação europeia no período colonial e como o povo guineense teve que

resistir com o intuito da afirmação identitária nacional, revelando assim o lugar da cultura do colonizado frente ao colonizador, aquela que foi fortemente atacado pelos colonizadores. Apesar da independência conquistada pelo país desde 1973, o ataque colonial deixou resquícios na contemporaneidade guineense, afetando, diretamente, o desafio que os guineenses tinham e continuam tendo na luta pela estabilidade política e social do país dado os sucessivos golpes de Estado ocorridos.

Pensando na relação entre a literatura e história, ou seja, entre a ficção e a realidade, Lukács, no seu livro *A teoria do romance* (2000), acredita que é possível existir uma relação entre o romance e a realidade pois “as categorias estruturais do romance coincidem constitutivamente com a situação do mundo” (p. 96). Para Oliveira (2020, p. 83), “ao imitar a realidade, a Literatura problematiza essa realidade, tornando possível a reflexão sobre vários aspectos envolvidos em sua representação”. Wellek e Warren (1962, p. 265) na obra *Teoria da Literatura* confirmam a relação entre a Literatura e História e o valor representativo daquela, embora reconheçam que a distinção entre literatura e história “não deve ser estabelecida entre realidade e ilusão, mas entre diferentes concepções da realidade, entre diferentes modos de ilusão”, ou seja, o modo como a linguagem é tratada por um historiador e um literato, pois enquanto o historiador se preocupa com a objetividade, o literato se preocupa com a subjetividade, a imaginação, a ficção. Autoras e autores evidenciam que a literatura pode e consegue representar os fatos da realidade em que está inserida podendo assim denunciar diferentes aspectos da vida social de um povo. Ainda nessa perspectiva, sobre a relação entre a literatura e história:

Os grandes escritores são capazes de registrar os movimentos difusos no inconsciente de um determinado grupo social e dar significação estética aos seus desejos mais vagos e inconfessados. Mais do que a imagem, a *Literatura seria antes o imaginário da História*. (Cruz, apud, Freitas, 1989, p.115, grifo nosso).

Considerando, assim, a literatura como o imaginário da história, este é o aspecto que, sem dúvidas, podemos encontrar no romance *A última tragédia*. Tanto na observação de Lukács (2000), Cruz (1989), Oliveira (2020), Wellek e Warren (1962) ficou aprovado a ideia da possibilidade da existência da intertextualidade entre literatura e história. A literatura pode servir não apenas para representar a realidade, o que não é pouco, mas, também, pode servir como recurso a ser usado para elevar o conhecimento daquilo que ocorreu no passado, como uma grande lente sobre os fatos. Podemos perceber que essas afirmações vêm contrariando a ideia deixada por Platão no seu livro *A República*, visto que ele considera a poesia nociva ao homem

por ser apenas aparência e nunca realidade, descartando, assim, a possibilidade de esta representar a realidade. Para Alves:

Dos textos, selecionamos *A Última Tragédia* (2002) por representar fortemente aspectos do trauma políticos e sociais que se revelam como heranças coloniais. É importante comentar que as literaturas em Abdulai Sila se encontram precisamente na fronteira entre história e ficção, configurando a metaficção historiográfica, tornando difícil saber até que ponto a colonização portuguesa guineense, nos romances, está transformada em ficção. Na obra, o autor aborda o lado oculto da guerra colonial, denunciando e apontando, por meio de conflitos, a relação entre dominadores e dominados; apresentando-nos uma urdidura dotada de reflexão sobre os traumas que moldaram a identidade nacional (Alves, 2020, p. 175).

Dito isto, passamos à parte do artigo em que tratamos das personagens femininas.

1 PERSONAGENS FEMININAS

1.1 Ndani

Relativamente à representação das personagens femininas em *A última tragédia*, (Cruz, 2017) acreditamos que Ndani, a protagonista, representa uma mulher que não se submete e que rejeita a condição de mero objeto das relações sociais coloniais, pois ela está, a seu modo, sempre a procurar uma saída da situação em que vive. Para Cruz, no romance ela não foi abordada como um clichê ou personagem tipo em que é universalizada a imagem da mulher africana e guineense. Ainda na mesma lógica do referido pensamento, assim, as personagens da *A última tragédia* e *A Eterna Paixão* do mesmo escritor, Cruz afirmou:

Destacam-se nesses romances registros de transformações que ocorreram na sociedade guineense na fase colonial e pós-colonial, e que sobressaltam a *batalha da autoafirmação* da mulher africana da Guiné-Bissau. Vale destacar que estas personagens conciliam a herança e/ou influência da cultura portuguesa com suas raízes africanas e, assim, teríamos uma — “nova mulher guineense”: aquela que não está presa totalmente na sua cultura ancestral porque absorveu características da cultura portuguesa, como também abandona alguns traços da sua cultura autóctone, já que estes não se encaixam na sua atual conjectura de vida (Cruz, 2017, p. 1, grifo nosso).

Como disse Cruz, essa “batalha da autoafirmação”, pela representação feita na narrativa deste romance, não foi fácil, porque Ndani tinha que enfrentar a depreciação por parte dos portugueses, fato que podemos ver a partir da relação entre ela e a sua patroa na cidade de Bissau, e também por parte de seus compatriotas. Para Souza (2021):

Assim, Sila, através de Ndani e suas interações com os dois mundos, cria uma personagem que não pertence nem à tradição nem à modernidade, nem ao mundo dos brancos nem ao mundo dos pretos. Ela pertence a *um novo espaço identitário* resultado dos dois ambientes em que viveu e que rejeitou, pois permaneceu deslocada entre eles (Souza, 2021, p. 24, grifo nosso).

A ideia de colocar Ndani no espaço intermediário entre os aspetos identitários da sua terra, a Guiné-Bissau, e dos portugueses, a partir das observações das interpretações de Souza, deve-se a relação que ela estabeleceu entre essas duas culturas e as rejeitou, sendo que, permaneceu deslocada entre ambas. Tecendo, desse modo, uma comparação com a personagem principal do conto “A terceira margem do rio” do escritor brasileiro, Guimarães Rosa, onde aquela ficou a deriva na canoa sem pisar na terra firme e sem pisar na água (p. 24).

Destacamos que, além de Ndani, há neste romance várias personagens femininas, entre elas, a madrastra de Ndani, as outras criadas que ela encontrou depois de chegar a Bissau e que sempre frequentavam a catequese juntas. No Biombo, temos as cinco mulheres do Régulo além das amigas da patroa de Ndani, neste caso, Dona Deolinda e as demais portuguesas. Neste trabalho, como já foi explícito acima, escolhemos trabalhar focadamente em duas personagens femininas. São elas: Dona Deolinda e Ndani. Sobre as características de Ndani, compreende-se que ela é uma adolescente africana de 15 anos, fisicamente debilitada e violentada. Psicologicamente, ela é ingênua, curiosa, submissa, ansiosa, alfabetizada, interrogativa e persistente. No aspecto social, pertence a uma classe pobre, trabalha como criada, é alfabetizada, batizada e catequizada. Além disso, é educada, aculturada, discriminada e agredida.

Ao percorrermos os “bosques” da literatura e história, como dizia Umberto Eco (1994), podemos perceber que a relação que se estabelece entre literatura e história também se dá na sutileza do narrar, ou seja, não acontece apenas através de marcações concretas dos fatos históricos. Ndani é uma representação da mulher guineense, cuja identidade está profundamente ligada ao período colonial. Ela é um símbolo de resistência. Sua africanidade está profundamente ligada à resistência contra o sistema que marginalizava e descriminava os africanos. A adolescência dela representa uma geração das mulheres marginalizadas que lutam pela superação contra a herança colonial. Debilitada e violentada, na nossa análise, reflete a violência colonial e patriarcal, isso reflete a violência estrutural sofrida pelas mulheres africanas no período colonial.

Ndani foi tratada como de “esta fulana”. Ao referir a Ndani desse modo, a patroa se remeteu a ela com desprezo, atitude esta que pode ser alocada no que Augel (2007) chamou de “fronteiras simbólicas” entre um nós, no caso a personagem de origem portuguesa e

colonizadora. Essa fronteira não é apenas física e social, mas também cultural e psicológica. Ingénua e curiosa, essas características a tornam uma personagem em processo de formação que, de alguma forma, busca encontrar o seu espaço perante uma sociedade opressora. Submissa e ansiosa é uma reflexão de opressão colonial, que buscou inferiorizar e marginalizar o povo colonizado. Sobre isso, Fanon afirmou:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu manto, mais branco será (Fanon, 2008, p.34).

Alfabetização pode servir como um símbolo de resistência, mas neste caso percebemos que é mais como um dos mecanismos de opressão e aculturação implementado por colonizadores, embora possa abrir brecha para resistência. No contexto colonial, a alfabetização foi usada como uma ferramenta para impor valores, línguas e culturas europeias, ou seja, servia para aculturar e domesticar. Isso foi uma das justificativas do discurso colonial, pois consideravam que o povo colonizado, neste caso específico negro, estava numa condição de selvagem. Sobre discursos pseudojustificativos, Munanga (2024) afirmou:

A primeira justificativa surge através da missão colonizadora, esse peso e essa responsabilidade que a sociedade colonial deveria assumir, a fim de tirar os negros da condição de selvagens, poupando-os do longo caminho percorrido pelos ocidentais. Uma vez civilizados, os negros seriam assimilados aos povos europeus, considerados superiores, ou seja, tornar-se-iam iguais aos brancos, Acrescentaram-se ao discurso legalizador da missão civilizadora outras tentativas, no sentido de reduzir o negro ontológica, epistemológica e teologicamente (Munanga, 2024, p. 25)

A educação colonial era uma das formas de sustentar esse discurso. Munanga (2024), nos ajuda a entender a posição de subalternidade que Ndani e/ou mulheres guineenses ocupavam na sociedade colonial, ou seja, a lógica colonial em que é colocada a sociedade colonizada, principalmente as mulheres, num lugar inferior tanto social e como ontologicamente. Pobre e criada, coloca Ndani numa posição de vulnerabilidade social, o que aponta para a desigualdade que marcou a sociedade colonial. A esperança de Ndani era conseguir o trabalho. O trabalho neste período era muito difícil, principalmente para as mulheres guineenses, pois elas tinham que submeter-se as ordens dos colonizadores para consegui-lo. Ela estava convicta de que a sua vida poderia mudar ao chegar a esse mundo diferente dos brancos, contrariamente àquilo que Djambakus afirmava. Ela era também curiosa

para saber o que tornava o mundo dos brancos diferentes do seu, como se pode constatar-se na citação abaixo:

Ela falara da vida dos brancos, dos seus hábitos, do bem-estar, do conforto...

‘Quem me dera ter metade do que eles têm’ tinha ela dito um dia, antes de lhe confessar, com amargura na voz e no rosto, o que imaginava ser uma profunda convicção sua: ‘É um mundo muito diferente disto!’ Ela ficara o resto do dia a imaginar onde podia estar tanta diferença. (Sila, 2006. p. 22)

O fato de dois mundos serem apresentados pelo narrador numa só nação não é à toa, pois como afirmara Fanon (1968, p. 28): “O mundo colonizado é um mundo cindido em dois”, e em seguida complementa: “Esse mundo dividido em compartimentos, este mundo cindido em dois, é habitado por espécies diferentes.” (1968, p. 29). O romance de Sila mostra a dicotomia que existia na sociedade guineense no período representado no romance, a dicotomia similar percebida por Fanon. Ao chegar a Bissau, ou à “cidade do colono”, como dissera Fanon (1968, p. 31), Ndani foi confrontada com a quebra de expectativa logo no início por ter perambulado o dia inteiro sob os olhares de desprezo dos brancos. Ela bateu em muitas portas e foi desprezada, andava de casa em casa debaixo de sol, teve fome e cansaço na procura do trabalho, mas ninguém a atendia, a citação abaixo nos ajuda a evidenciar o que aqui está sendo dito:

Sinhora, quer criado? Hmm?

A senhora virou-se para ela e os seus olhares se cruzaram por um instante. Lembrou-se naquele momento de um dos ensinamentos da madrastra, que tinha dito que o criado nunca deve olhar o patrão no rosto quando este olha para o criado. Por isso ela baixou rapidamente o olhar, ampliando inocentemente a expressão de alegria. Mas esta também não durou muito. Foi repentinamente substituída por uma outra, fruto de uma mistura de surpresa e indignação. O jacto de água que a apanhou na altura do peito provocou uma reação inesperada na rapariga que, colada ao portão, esperava tudo menos aquela atitude da mulher branca, que de repente deixara de fazer o trabalho que estava fazendo, de regar plantas, para regar a ela, que só queria ser criado. (Sila, 2006. p. 23-24)

Ser criada era o destino de quase todas as meninas negras na época da colonização. Na vida de empregada, Ndani recebia a imposição da cultura tanto no aprendizado da língua, tanto na religião. Ndani além de frequentar a catequese por ordem da patroa sofreu a violação sexual. Fanon (1968, p.31) considera que: “O indígena é declarado impermeável à ética, ausência de valores. É, ousemos confessá-lo, o inimigo dos valores. Neste sentido, é o mal absoluto”.

Este romance está impregnado de revelações socio-históricas da Guiné-Bissau colonial. Para conseguir o trabalho, Ndani tinha que aceitar a assimilação a uma outra cultura diferente da sua, aceitar a dominação e, através desta, todos os outros conjuntos de valores que a ela se associavam. Sobre a troca forçada do nome, Alves afirmou: “A mudança de nome lhe condiciona a uma nova identidade e a submete ao convívio com a negação dos valores tradicionais, uma espécie de condenação à morte cultural” (2018, p. 54). No mesmo sentido, lemos na citação abaixo:

[...] o nome pessoal é bem mais que um signo de identificação. É uma dimensão do indivíduo. O nome será coisa viva. Encontram-se no nome todas as características do símbolo: 1. Ele é carregado de significação; 2. Escrevendo ou pronunciando o nome de uma pessoa, faz-se com que ela viva ou sobreviva. 3. O conhecimento do nome proporciona poder sobre a pessoa (...). (Chevalier e Cheerbrant, 2009 p. 641).

Portanto, o nome é uma identidade e atrela-se à questão cultural e nacional, além de espacial, uma vez que um nome pode revelar ligações com um determinado lugar. Nomear alguém é um ato de poder e renomear também. Não respeitar o nome de uma pessoa é, de alguma forma, ignorar um dos aspetos muito importantes que a liga a sua origem e, consequentemente, a sua história, a cultura e ao seu país. Renomear, desnomear, trocar o nome por um número ou um símbolo são atos violentos e aviltantes, uma espécie de etnocídio. Para melhor evidência do que aqui se está a dizer, vejamos o romance:

- Como é que te chamas? Hmm?
 - O teu nome, caramba!
 - Aah, Ndani, senhora. Ndani.
 - Como é que é? Dânia? Dânia... mas este é um nome russo, nome comunista. Ave Maria! Vocês arranjam cada uma... Com tanto nome bonito português que há por aí, o teu pai escolhe para ti um nome russo! E assim que começa a insurreição comunista. (Sila, p.31)

No trecho acima, além de coadunar com análise sobre o nome, podemos perceber a violência da renomeação da personagem, que se dá totalmente sob o amparo do colonialismo, retirando de Ndani a sua origem e a sua individualidade, uma vez que, segundo Pereira e Andrade (2023, p. 193):

O nome de uma pessoa tem a função de particularizá-la como indivíduo, estando a motivação para a atribuição dos nomes próprios vinculada a critérios diversos, os quais refletem lógicas e processos histórico-culturais e políticos que variam de acordo com a época, as percepções, os valores e as práticas de cada sociedade.

O nome original foi trocado pelo nome português. O comunismo e o colonialismo eram duas ideologias antagônicas na época, pois se referem ao sistema social, político e econômico diferentes. Enquanto o comunismo visa a abolição de classes sociais e igualdade social, pelo menos na teoria, o colonialismo visa a exploração. Com isso, o leitor pode perceber o porquê do ódio da senhora pelo nome comunista. Estava acontecendo naquele momento a contra-ideologia e/ou contra-cultura. Enquanto a senhora recusa o nome comunista, demarcando a “fronteiras simbólicas entre um nós e um outro”, conforme Augel (2007), ela de igual maneira, recusa um nome guineense.

A trajetória da vida de Ndani conotou aquilo que era a realidade da vida de muitas mulheres africanas e destacadamente das guineenses durante o período colonial, ora como criadas ora submetendo-se ao casamento forçado. Viviam atreladas ao jugo colonial, o que não proporcionava o sossego para elas sendo que constantemente estavam sobre a contínua imposição dos valores dos colonizadores. O romance em questão vem revelar essa dura realidade, mas paralelamente a isto, também, revela uma Ndani corajosa e resistente. Ela era a personificação de duas realidade bem distintas e com objetivos claramente opostas e marcantes tanto no aspeto identitário como cultural. Na nossa análise, compreender a vida de Ndani é compreender o que acentuava a vida das mulheres africanas guineenses na época que demanda o romance.

1. 2 Dona Deolinda

Antes de tratar das características desta personagem, acreditamos que é fundamental ressaltar que ela é, conforme a Teoria da Literatura e a nomenclatura de Forster (2005), uma personagem redonda, esférica, ou seja, dinâmica. É importante dizer isso, porque esse tipo de personagem, normalmente, através de mudanças, entre elas no comportamento, tende a surpreender o leitor e a apresentar-se de forma multifacetada relativamente a sua caracterização psicológica. Ela tende a evoluir ao longo da narrativa ou a oscilar entre um extremo e outro, o que pode denotar na sua mudança de comportamento uma forma de confundir as personagens submetidas a ela, sem que a possam definir como totalmente boa ou totalmente má, como seria a personagem plana, numa espécie de jogo perverso da constituição da sua imagem e confusão mental produzida nos outros, especialmente em Ndani. Dito isto, sobre as suas características, compreendemos que ela é uma idosa portuguesa colonizadora, com características físicas que refletem sua idade. Psicologicamente, ela é arrogante, autoritária, esquisita, interesseira, malvada, oportunista e orgulhosa, mas também apresenta traços de compreensão, dedicação,

maleabilidade e proteção. No âmbito social, pertence a um grupo fechado entre si, é oportunista, racista e religiosa, seguindo o cristianismo. Sua personalidade complexa mistura aspectos negativos, como o racismo e a autoridade, com algumas qualidades, como a dedicação e a proteção.

Inicialmente, compreende-se pelo que foi apresentado através do narrador, que se trata de uma mulher esquisita, orgulhosa e arrogante. Aquando Ndani apareceu no seu portão a perguntar - “Sinhora, quer criado?” - o comportamento dela revelou exatamente essas três características, já que nem respondeu a Ndani, fazendo que sequer a escutava, referindo-se pejorativamente a ela como “fulana” e por cima de tudo a molhara o que se apresenta como uma evidente atitude racista, pois só se comportou assim porque Ndani era uma mulher negra e pobre. Se fosse um seu parente ou compatriota, Dona Deolinda não faria o mesmo.

Quando finalmente recebeu Ndani como empregada, nos primeiros momentos, chamava-a de palavras insultuosas que ela não entendia. Controlava a comida dela, deixava-a com fome, e esta atitude revelava um compartimento de autoritarismo e malvadez: “[...] nos primeiros tempos, quando a patroa lhe controlava a comida, dando-lhe somente o que sobejava da mesa deles. Se fosse muito, ela comia à farta, enchia bem a barriga; se fosse pouco, ficava com fome.” (Sila, 2006. p. 38). A abordagem ideológica do colonizador foi representada no romance através de Dona Linda. Como ela tratava Ndani mostrava a dicotomia no período colonial da Guiné-Bissau. Assim, regulava-se a vida dela dentro do mundo fechado dos colonizadores, Ndani era uma mulher presa ao prazer da patroa: presa psicológica e socialmente.

Como já afirmamos acima, a patroa é uma personagem redonda, pois chegou um certo momento da narrativa em que começou a mostrar a figura dela por um outro viés. Saindo, assim, de uma mulher interesseira, autoritária e arrogante para uma mulher supostamente ajudadora, compreensiva e protetora: “Dona Linda mandou fazer chá de hortelã. Serviu na sala e retirou-se para a cozinha. Ela chamou: “Daniela, vem cá, por favor” e quando se aproximou ela disse: Senta-te aqui ao meu lado, por favor” (Sila, 2006, p. 33). O compartimento dela mudou, começou a interessar-se por Ndani e a protegê-la. Porém, a sua mudança de comportamento se deu pelo fato dela, Dona Linda, começar a sentir solidão, pois os seus filhos já não estavam com ela e o seu marido e este começava a lhe tratar mal, ou seja, a aproximação com Ndani era uma estratégia ilegítima e egoísta.

Suponhamos que, se os seus filhos não tivessem ido a Portugal e o seu marido ainda lhe tratasse bem, ela mudaria de comportamento com Ndani? Na nossa análise, acreditamos que não. Dona Linda não se transformou numa patroa boa. A mudança de comportamento dela

ainda era baseada na estratégia do colonizador para continuar no domínio da situação, criando em Ndani uma falsa expectativa e até mesmo uma descrença na sua capacidade de compreensão dos comportamentos e dos fatos em sua volta. Estratégia que a própria Dona Linda chamava de domesticação, ou seja, estava “domesticando” Ndani como se fazia com um animal:

O Padre disse que os europeus vieram a África para salvar os africanos. Estás a ouvir, Daniela? O Padre ainda disse que dantes esta salvação consistia em levar os negros para longe, lá para as Américas, onde não teriam nem as máscaras, nem as estatuetas que veneravam, e muito menos as árvores sagradas... Mas depois viu-se que este não era o melhor método e então tivemos nós os europeus que vir para a África ensinar a religião cristã e salvar as vossas almas. (Sila, 2006. p. 40-41)

Os colonizadores acreditavam que tinha uma missão a cumprir: a de domesticar os africanos, salva-los e reeducá-los através da religião cristã, destacadamente a Igreja Católica Apostólica Romana. Nota-se que essa noção é preconceituosa, eurocêntrica e racista. Para eles os africanos estavam desorientados e sem rumo na vida. Não respeitando, assim, a diferença e a cultura do outro, o modo de ser e as crenças do outro. Eles, os colonizadores, achavam-se gentes instruídas e bem preparados para ensinar as suas culturas, que achavam supostamente superior a dos colonizados. Nesse aspecto, o nome da personagem, ou a alcunha que ela recebera, como uma corruptela de seu nome – Linda – ao invés de Deolinda, contrastava com o seu comportamento, criando para si uma imagem contrastante perante o belo nome e o feio, o maldoso e o seu comportamento perverso. Nesses “detalhes” estão aquelas “filigranas” da narrativa as quais fizemos referência. Ao longo do romance, vamos aos poucos sabendo o seu nome completo – Maria Deolinda Gonçalves da Silva Leitão – como se o seu nome não precisasse ser dito logo no início, pois somente uma parte dele ou a sua corruptela já aqui citada bastasse. Concluída esta primeira parte, passamos à segunda e aprofundando sobre o tema da religiosidade.

2 AS RELIGIOSIDADES E OS PODERES EM UM MUNDO DIFERENTE

A Guiné-Bissau é um país multicultural onde existem entre 27 a 40 grupos étnicos. Cada grupo é caracterizado por sua cultura e localizado geograficamente no seu espaço. Por conta do contexto, espaço e ambiente em que ocorre a trama do romance, percebemos nos personagens traços que caracterizam a identidade cultural guineense. A cidade onde a personagem principal saiu em busca do trabalho historicamente pertence a uma determinada etnia, neste caso a etnia Pepel, localizada na zona Norte, interior do país.

Nesse conjunto de etnias e culturas, a religiosidade é um fenômeno muito forte e presente em cada uma dessas etnias marcadas pelas celebrações, crenças e mitos. Como já dissemos acima, Ndani tinha que fugir da sua cidade natal, Biombo, em busca do trabalho, do sossego e da tranquilidade, evitando assim da maldita profecia de Djambakus de que nasceu para ser “portadora de um mau espírito” e que a sua vida seria “uma sucessão de tragédias”. Quando se pretende analisar aspectos das religiosidades culturais e étnicas da Guiné-Bissau e principalmente quando se refere a etnia Pepel torna quase inaceitável deixar de lado as figuras de Djambakus, pois estas são muito importantes na comunidade por serem consideradas/os (feiticeiros/as/curandeiros/as) com certos poderes sobrenaturais e que desempenham as funções dos intermediários entre as pessoas com irã, ou seja, entre mundo visível e invisível, em outras palavras podem ser considerados/as de sacerdotes tradicionais.

O Irã é uma entidade sobrenatural daquele mundo, uma espécie de mini Deus, razão pelo qual não pode ser vista pelas pessoas exceto por Djambakus que, segundo a crença, são os parceiros humanos dos irãs. Segundo Semedo (2010, p. 116), “*Iran* é o espírito sagrado, protetor das famílias e de suas linhagens, mas que pode ser implacável nas punições aos que não cumprem com a promessa feita a ele. Grafado de várias formas, *iran* (Irã, Iran ou Yran)”. Irãs são divindades muito respeitadas na sociedade guineense, principalmente nas tabancas por pessoas que devotam as suas vidas aos princípios que regem o grupo animista. No romance, lemos: “Até ela sabia que a igreja do preto era na baloba e o Deus dos pretos era o Yran.” (Sila, 2002, p. 37). Ainda sobre isso,

Deus, irans, dufuntus (asalmas) fazem parte da trilogia que integra a cosmogonia guineense, pelo menos nos grupos animistas. No imaginário guineense, esses seres acompanham as atividades do *pekadur* [pessoa humana, ser humano, gente] nas suas alegrias, angústias e inseguranças. Em diversas situações do cotidiano, Deus, *Iran*, *dufuntus* são convocados para socorrerem seus filhos e/ou devotos. Aos *irans* são atribuídos as benesses e também os infortúnios; por isso, são cantados nas *mandjuandadi*, seja em forma de enaltecimento dos seus poderes, louvando-os, seja pedindo e rogando-lhes proteção, seja, ainda, mostrando quão destemido e confiante se é, quando se tem um poderoso *Iran* como protetor (Semedo, 2010, p.117).

A assertiva evidencia como a espiritualidade e religiosidade são indispensáveis para entender a cultura e a história do povo guineense. Essa relação entre os seres humanos e as entidades espirituais não é apenas uma questão de fé, mas uma expressão de resistência e identidade. Ao trazer esses elementos para a literatura Sila preserva a memória cultural e histórica do povo guineense. Djambakus, alguns/as, conseguem projetar o futuro como aconteceu no caso de Ndani. A palavra de Djambakus não pode ser desafiada em nenhuma circunstância principalmente pelas pessoas munidas dessa crença sob pena de serem vítimas

desta. Por intermédio de irã, os Djambakus também desempenham a função de intérprete dos símbolos e dos sinais enviados por familiares mortos e dos ancestrais aos membros da família neste mundo.

Na maioria dos casos são pessoas já com idade avançada, os chamados *Homens-Grandes*, que lidam com o irã. Eles conseguem dar respostas aos diversos pedidos e questões que assombram as pessoas da comunidade. Isso é uma característica identitária enraizada na história e na cultura guineense, razão pelo qual Ndani era desprezada na tabanca e tinha que se afastar de Biombo para Bissau onde não conhecia ninguém. As tabancas são as pequenas aldeias localizadas na interior do país onde é mais forte a crença na pessoa de Djambakus, ou seja, é onde existe uma forte relação entre a tabanca e Djambakus o que se transfere em uma forte crença nas tradições que ligam o povo ao seus antepassados e isso constitui a identidade cultural própria da Guiné-Bissau. Por ser uma pequena aldeia, torna mais fácil direcionar as pessoas e a comunidade é fortemente orientada para as tradições.

Em oposição à crença e à religiosidade descrita acima, vemos o projeto educacional de Dona Deolinda que pretende catequizar os povos guineenses abrindo em cada parte do país uma escola, sobretudo para ensinar a religião cristã e mais precisamente os ritos, crenças e divindades do catolicismo. Dona Deolinda acredita ser a portadora de uma missão, a maior delas que é levar a palavra das escrituras cristãs aos povos que não as conheciam e que ela os considera como pagãos.

O caminho de Deus era um só e é esse caminho que é preciso seguir. Tinham agora uma escola, todos os rapazes e raparigas deviam ir a essa escola para aprenderem e saírem da ignorância. Porque quem é ignorante não pode saber quanto Deus Nosso Senhor ama as pessoas, não pode descobrir a diferença entre o bem e o mal, não sabe como evitar o pecado e conquistar a glória. Era portanto muito importante deixar os rapazes e as raparigas irem à escola porque só na escola é que poderiam aprender como podiam tornar-se bons cristãos e bons portugueses (Sila, 2002, p. 95-96).

No projeto catequético de Dona Deolinda, catequese, nacionalismo e colonização andavam de mãos dadas, pois ao mesmo tempo em que caracteriza alguém como sendo um bom cristão, ela o faz, pensando que esse mesmo bom cristão será também um bom português. A crença e a religiosidade dos povos guineenses aparecem no romance em referências feitas aos ritos da morte, especialmente ao *toca-tchur* quando da morte do régulo de Quinhamel: “Restava-lhes agora somente organizar uma boa cerimónia de despedida, um toca-tchur, à altura da grandeza da alma do defunto” (Sila, 2022, p. 109).

Outro aspecto que chama atenção nas relações sociais interpostas entre a idiossincrasia guineense e a do colonizador está no modo como o poder foi organizado para gerir a sociedade. Se de um lado há a figura do régulo, “o grande Régulo de Quinhamel”, e os seus conselheiros, do outro, do lado daquele “Mundo tão Diferente”, que faz parte do primeiro capítulo do romance, há o Zezinho, o Sr. Leitão, o Administrador, acima do qual, na hierarquia colonial, estava apenas o Governador.

No terceiro capítulo do romance, Sila introduziu a figura do régulo já na cidade de Quinhamel em disputa constante com o Chefe de Posto que era o colonizador. Régulo é diminutivo do rei, portanto um reizinho ou um rei menor, uma autoridade tradicional e chefe da morança. Quinhamel, assim como o Biombo, era e é uma comunidade onde a maioria dos habitantes pertence a etnia Pepel, como já dito. A partir das tensões registradas entre essas duas figuras, Sila nos apresenta o contraposto vivenciado na época entre as autoridades tradicionais e as autoridades dos colonizadores, uma espécie de choque entre as duas culturas, demonstrando mais ainda o quanto o mundo colonial é dicotomizado. Percebe-se que cada um encarava a cultura e os costumes do outro como um obstáculo. As atitudes do régulo eram uma espécie de resistência à assimilação e à aculturação. Uma das razões para a tensão desses duas figuras era a questão de pagar imposto como pode constatar no diálogo abaixo:

Ouvi dizer que vocês aqui não gostam de pagar o imposto a tempo e horas, é verdade? -Quem é que falou isso? - Não interessa quem disse. Responde à minha pergunta: pagam ou não pagam? - Toda a gente paga. - Tu também? - Eu sou Régulo. - E depois? - Régulo não paga. -Quem te garantiu isso? - É costume. - Está escrito nalguma lei que os régulos não são obrigados a pagar os impostos? Tens algum documento de isenção? -Foi sempre assim. -Mas vai deixar de ser. - Por quê? -Não tens que saber o porquê. -Eu sou Régulo de Quinhamel. Por que pagar imposto de repente? -Não te devo explicações, ora essa! -Mas Régulo não costuma pagar. -Agora vais-te acostumar (Sila, 2006, p. 70 -71)

Essa resistência que Sila traz para nós na figura de Régulo não se remota apenas ao período da colonização e pós-colonização embora contextualmente é muito importante realçar esse fato, mas a própria figura do Régulo, para etnia Pepel, independentemente do período histórico representa a resistência. Geralmente um Régulo é um *Homem-Grande* dotado da inteligência e capacidade para enfrentar e resolver as demandas sociais, razão pelo qual, Sila nos apresentou o Régulo Bsum Nanki com a capacidade da inovação e as estratégias bem delimitadas para combater influência dos colonizadores na pessoa do Administrador em Quinhamel, para terminar com o mito que existia nesta morança e não só de que os colonos eram pessoas intocáveis e que deviam ser obedecidos a todo custo.

O Régulo mostrava aos seus conselheiros que os negros têm a mesma capacidade de pensar e resolver os problemas como os colonizadores. Essa postura de resistência do Régulo, na nossa análise, transforma o Quinhamel num espaço que também representava a resistência no período da colonização e assim voltamos ao espaço, à sua representação como um elemento importante na narrativa do romance que dialoga não somente com a geografia, mas com a identidade nacional, o território e a sua ocupação, remetendo, portanto para a história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa do romance *A Última Tragédia*, de Abdulai Sila, revela para nós uma interligação sensível entre literatura e história, demonstrando como a literatura pode ser um veículo para a representação das realidades sociais nos seus diversos aspectos e também nos seus aspectos mais sutis. A partir desse trabalho, percebemos que a obra em causa além dos aspectos ficcionais assumiu também ao seu modo o papel historiográfico. Através da narrativa das personagens Ndani e a patroa portuguesa, podemos perceber como era a tensão e a relação de hierarquia do poder no contexto colonial e também a luta da afirmação identitária. Sila, ao utilizar elementos como personagens, espaço e religiosidade teceu na sua narrativa ficcional as complexidades e as contradições das experiências que marcam as fases da formação sócio-histórica guineense.

Além disso, as personagens femininas, aqui analisadas, demonstram como a literatura pode explorar as dinâmicas de poder, gênero e colonialismo, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a dominação e a subalternidade. Enquanto Ndani representa a mulher guineense em busca da libertação pessoal e coletivo-simbólica, a resistência e a luta pela afirmação, a patroa portuguesa encarna a ideologia colonizadora e as suas contradições. A abordagem da experiência religiosa, bem como as experiências de poder, também reforçam, já na experiência dos corpos masculinos - o régulo, o homem-grande e o administrador - outras vivências da colonização que Abdulai Sila tão bem traduziu no romance.

Em suma, neste estudo buscamos reforçar a importância da literatura servir como um espaço de diálogo entre passado e presente ou entre ficção e realidade. *A Última Tragédia* convida as leitoras e os leitores de língua portuguesa a refletir sobre a história da Guiné-Bissau e os desafios enfrentados pelo país no período colonial e que ainda prevalecem. A literatura como que transcende o tempo e o espaço para ao seu modo voltar a eles, porém os ressignificando.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jonh Jefferson do Nascimento. *Narrativas pós colonialistas: a representação do nacionalismo guineense em Abdulai Sila*. Dissertação (Mestrado em ? CITAR O NOME DO MESTRADO). UERN (NOME DA UNIVERSIDADE POR EXTENSO), Pau dos Ferros 2018. Disponível em: [4696jonh jefferson do n. alves final.pdf](#). Acesso em: 20/01/2025.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO E LONGINO. *A Poética Clássica*. Trad. Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BARTHES, Roland. Efeitos do real. In: LITERATURA e semiologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CRUZ, Luciene Rocha dos Santos. As representações das mulheres guineenses na obra “Eterna Paixão” de Abdulai Sila. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 168-184, jan./jun. 2020. . Disponível em: [As Representações das mulheres guineenses na obra "Eterna Paixão" de Abdulai Sila | Cruz | Cadernos de Gênero e Tecnologia](#). Acesso em: 20/01/2025.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva. 23 ed. Rio de Janeiro: José Olympio 2009.
- DAMASCENO et al, Maria Nobre. *Pesquisa qualitativa: formação e experiências*. Curitiba: CRV, 2016.
- FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FORSTER, E M. *Aspectos do romance*. Campinas, SP: Biblioteca Azul, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KABENGELE, Munanga, *Negritude: usos e sentidos*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024. (Coleção Cultura Negra e Identidades).
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.
- MAZRUI, Ali et al. O desenvolvimento da literatura moderna. In: HISTÓRIA Geral da África, VIII, África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.
- OLIVEIRA, Silvana. *Teoria e crítica literária*. Curitiba: InterSaberes, 2020. (Série Literatura em Foco).
- ROSA, Guimarães. A Terceira Margem do Rio. In: LITERATURA comentada. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1990.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. *Revista de Teoria da História*. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, ano 3, n. 6, dez. 2011. . Disponível em: [ACERCA DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO | Revista de Teoria da História](#). Acesso em: 15/01/2025.

SEMEDO, M. O. C. *As mandjuandadi - Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. Belo Horizonte: [s.n.], 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22. ed. rev. atual. São Paulo: Cultrix, 2007.

SILVA, Claudilene Maria da. *Mulheres guineenses e a escolarização no livro A Escola, de Domingas Samy*. Redenção, CE, Unilab, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2721>. Acesso em: 27 fev. 2025.

RODRIGUES SOBRINHO, Genivaldo. A última tragédia, de Abdulai Sila: início de conversa com a literatura guineense. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 22, dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51698>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SOUZA, Ivan dos Santos. *Construções identitárias em a Última Tragédia, de Abdulai Sila*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, 2021.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 4. ed. Lisboa: Europa-América, 1962.